



## EDUCAÇÃO EM CORDEL

**DESCHAMPS, Carina Botton<sup>1</sup>; RODRIGUES, Carla Gonçalves<sup>2</sup>; ROCHA, Eduardo<sup>3</sup>.**

<sup>1</sup>Especialização em Educação – FaE/UFPeI

Rua Alberto Rosa, 154 – 2º andar – CEP 96101-770. [carinabd@terra.com.br](mailto:carinabd@terra.com.br)

<sup>2</sup>Deptº de Ensino – FaE/ UFPeI. [cgrm@ufpel.tche.br](mailto:cgrm@ufpel.tche.br)

Rua Alberto Rosa, 154 – 2º andar – CEP 96101-770

<sup>3</sup> Programa de Pesquisa e Pós Graduação em Arquitetura – UFRGS

Rua Sarmiento Leite, 320 – Sala 201 – CEP 90050-170. [amigodudu@pop.com.br](mailto:amigodudu@pop.com.br)

### 1. INTRODUÇÃO

O projeto *Educação em cordel* trata da criação de histórias em quadrinhos em formato de cordel a partir de conceitos do filósofo Gilles Deleuze, possibilitando assim, a interlocução entre filosofia, arte e educação para o auxílio da formação docente. Estes cordéis deverão ser distribuídos para os professores de filosofia do ensino médio da rede municipal de ensino da cidade de Pelotas.

Procura-se aqui, a reunião de dessemelhantes formas de conteúdo e de expressão, através desta investigação, para o fortalecimento da criação de possibilidades para que alunos e professores, de variados níveis de ensino, venham a experimentar idéias afastadas de procedimentos, universais e objetivos, do conhecimento moderno. Mais do que isso, que experimentem procedimentos diversos dos de desqualificação/seleção; normalização; hierarquização; centralização piramidal. E que venham a utilizar tais idéias como ferramentas possíveis para amparar questões contundentes desta atualidade, sendo enfrentadas nos vários campos teóricos, artísticos e outros, com maior liberdade de invenção e com amplo diálogo coletivo.

Sua estratégia de ação busca romper os limites que existem entre a produção acadêmica e a produção de saberes que ocorre em diversos espaços da sociedade. Mais do que um dispositivo de aproximação, *Educação em cordel* instala-se numa brecha de interseção existente entre as diversas atividades da produção de saber e dos processos de subjetivação nesta contemporaneidade.

### 2. METODOLOGIA

Esta investigação propõe-se, metodologicamente, aquilo que Corazza (2004) denomina Pesquisa do Acontecimento (que também pode ser denominada cartografia). Tal perspectiva metodológica procura a ruptura com os "modos tradicionais" de fazer pesquisa, afastando-se da tendência às generalizações e universalidades. Pesquisar o acontecimento não faz a tentativa de problematizar a partir de pressupostos que buscam a obtenção de respostas (verdades) para perguntas previamente elaboradas. A verdade não é a grande "questão" para esse tipo de pesquisa e, sim, a produção de sentidos àquilo que é experimentado ao longo da investigação.

A produção ou recriação de sentidos dá-se através dos acontecimentos que suscitam rupturas, que problematizam o modo de ser e estar no mundo. Micro-desterritorializações são produzidas no pensamento e no território existencial, potencializando a criação e a invenção. Sendo assim, a proposta visa conceber a pesquisa como uma atividade de experimentação, que traga possibilidades, tanto para o professor de filosofia que receberá os cordéis, como para os pesquisadores aqui envolvidos, de habitar outro(s) estado(s), de pensar novas maneiras de existir, permitindo "fabular" a partir da filosofia em cordel, isto é, dançar na corda bamba.

Pesquisar o acontecimento como atividade filosófica, implica produzir conceitos e não aplicar definições prévias. Exige a fabricação de conceitos em ressonância e em interferência com as artes, as ciências, a filosofia, o que faz com que o pesquisador não seja aquele guerreiro armado com alguma teoria prévia e, sim, um experimentador que ajuda a formular novos problemas, ou que sugere novos conceitos. Também implica relatar os processos de um pesquisador-experimentador através da escrita, mas não de um Sujeito preso ao dizer sobre *o que é* desde o observável. Mas que toma seus sujeitos, aqui entendidos, em função das linhas que os compõem (dura, flexível e molecular), cada uma com sua duração, variação, intensidade, feita de blocos de sensações. Para tal, uma outra forma de escrever necessita ser exercitada (RODRIGUES, 2006), forma esta que viabilize a expressão de afectos e perceptos, dos modos de individuação por intensidades, que serão suscitados através da utilização de múltiplas linguagens.

As etapas para o desenvolvimento das HQs são: escolha de um conceito filosófico, revisão bibliográfica do conceito, seleção das formas de conteúdo atuais que expressem o conceito, desenvolvimento do enredo da história, definição do roteiro, seleção dos personagens, definição do contexto, definição do cenário, seleção de cenas, desenho das situações de cada quadro, escolha das cores para os desenhos. Também fazem parte das etapas de desenvolvimento das HQs: escrita das legendas e balões, localização das legendas e balões no quadro, arte-finalização do cordel, impressão teste do cordel, revisão e avaliação da HQ, impressão final, distribuição do cordel nas Escolas da rede pública de Pelotas. Além disso, a equipe realizará a tarefa permanente de auto-reflexividade, questionando e pondo em crise a própria produção.

Pesquisar, experimentar e descrever o Acontecimento: são essas as ações metodológicas que se propõe esta investigação. Ações atentas aos devires, aos nomadismos, visando conceitualizar as tendências que traçam, nesta atualidade, novas configurações, predominantemente, da ordem do virtual, isto é, daquilo que ainda está por vir.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Das múltiplas linguagens possíveis para conceder força a esta proposta de trabalho, escolheu-se a linguagem dos quadrinhos, linguagem aqui considerada lítero-filo-artística, isto é, integradora da arte através do desenho, com o ensaio literário através de problematizações filosóficas. Uma linguagem inventada em um espaço predominantemente científico com e para a Escola, mas, nem por isso, menos potente para produzir transversais que investem na errância da curiosidade, que apostam na emergência de possibilidades distintas, articulando uma lógica da diferença não universalizante, tampouco objetiva.

Também a idéia vinda da literatura, mais especificamente da literatura em cordel, auxilia na composição desta investigação. A literatura em cordel corresponde à parte impressa da poesia popular, impressos em papel barato, vendidos a preços baixos. De acordo com Nobre (2005), ela tem suas raízes no século XIV, quando surgiram em Portugal os primeiros jograis, menestrelis ambulantes que percorriam vilas e cidades com seus instrumentos musicais, apresentando e cantando poemas improvisados com lendas, histórias de princesas, cantigas de amor e feitos históricos. Nessa perspectiva, a idéia de cordel aqui é aproveitada para dizer de HQs impressas em folha A4, dobrada em forma de *folder*, distribuídas periodicamente em função do seu baixo custo, podendo ser colecionadas por alunos e professores, constituindo o que enunciaremos por *Educação em cordel*.

Pensando em uma forma de utilizar esta linguagem artístico-literária no contexto educacional, surge um novo papel aos quadrinhos, tardiamente oficializado como prática didática e de leitura pelo governo federal. Neste contexto, cabe ressaltar que os quadrinhos podem ser vistos como dispositivo de comunicação, interação, dispersão, construção e reconstrução, nas possíveis formas de apresentação e/ou interpretação. Ou seja, como se fosse uma história em quadrinhos e não uma história ilustrada, já que por meio de imagens (linguagem icônica – não verbal) pode-se compreender o que se está “lendo” ou imaginar o que estaria escrito, dando a essa “leitura” uma expressão (literatura gráfico-visual), gerando idéias e proporcionando novos conhecimentos.

Acredita-se que a partir da introdução das HQs no ensino médio e fundamental, podem-se conceber novas formas de ensinar, neste caso filosofia, disciplina que volta aos currículos através da lei 9394/96 visando a uma “formação para a vida” e continuada segundo a nova LDB. Mas para que filosofia? Qual a sua utilidade? Que uso proveitoso posso fazer disso?, podem questionar os alunos. Mas por que ninguém pergunta: Para que servem as ciências? Por que todo mundo imagina ver a utilidade das ciências nas técnicas, no entendimento da vida, na obtenção de produtos, mas ninguém consegue ver para que serve a filosofia. Ora, o trabalho científico depende de questões filosóficas. O trabalho das ciências, pressupõe como condição o trabalho da filosofia. Sendo assim, nos dias atuais não há mais como pensar a educação como compartimentos de saberes, há que se dinamizar o entendimento desta teia de forma a agregar intercruzamentos disciplinares na busca da compreensão de um todo, que se modifica, e se auto-regula.

*Educação em cordel* adota como referência para suas ações, o pensamento filosófico contemporâneo pós-nietzschiano. Inscreve-se em princípios que pretendem a filosofia não como exercício de significação, da definição de uma estrutura ou do alcance da origem e da causa de alguma coisa. Mais do que isso, ampara-se na filosofia funcionando como uma estratégia de emancipação do pensamento. Assim, a filosofia encontra-se atenta aos modos de vida e às maneiras como se constituem saberes na atualidade, oferecendo critérios de referência que

contribuem para que o pensamento construa outras formas de pensar, tendo nessa prática um exercício de experimentação no vivido.

#### 4. CONCLUSÕES

Sendo assim, o Projeto *Educação em cordel* apresenta como sua principal finalidade ativar a potência do pensamento, libertando-o de sua interrupção defensiva, oferecendo-lhe ferramentas, através de HQs, para a construção de condições de possibilidades contínuas do vivido em função ou representação mental. A definição é algo que resolve uma pergunta. Com isso, o das forças que pedem passagem nesta atualidade em que vivemos.

Uma aliança entre filosofia, arte e ciência estaria se estabelecendo com *Educação em cordel*? É isso que queremos experimentar: modos de expressar tal articulação desde a experiência do pensamento. Até aqui, parece-nos que há alguma potência nas HQs para ativar potências de devir com essas três áreas de conhecimento, para que se estabeleçam conexões com as possíveis forças de criação desta contemporaneidade.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. *Kafka por uma literatura menor*. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- \_\_\_\_\_. *O que é a filosofia?* Tradução de Bento Prado Jr.; Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996. (TRANS.)
- DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. Tradução de Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 1998a. (Estudos.)
- GALLO, Sílvio. *Deleuze & a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. 5. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1986.
- MURAD, Pedro. *Riso e aniquilação: a comicidade em Bérqson e Pirandello*. Revista Comum, Rio de Janeiro, v. 13, n. 29, p. 117 a 128, julho/dezembro 2007.
- RODRIGUES, Carla Gonçalves. *Por uma pop'escrita acadêmica educacional*. 2006. 180 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.
- TADEU, Tomaz; CORAZZA, Sandra; ZORDAN, Paola. *Linhas de escrita*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- Central de quadrinhos. Disponível em:  
[http://www.centraldequadrinhos.com/v4/Por%20dentro/Artigos/historia\\_hqs.htm](http://www.centraldequadrinhos.com/v4/Por%20dentro/Artigos/historia_hqs.htm)>  
acessado em 14 de março de 2009.
- Discutindo Literatura [Especial quadrinhos]. Numero 05. Ed. Escala Educacional. 2009. 66 p.